

O melhor do Brasil é o que ainda está por vir: *eis a questão*

Francisco da Silva Paiva

Especialista em Filosofia da História
Graduado em Pedagogia pela UFMA.
Servidor do IFMA–Codó.
E-mail: francisco.paiva@ ifma.edu.br

Recebido: 10 out. 2015

Aprovado: 21 nov. 2015

Certa feita o economista Piketty, autor do livro “*O Capital no Século XXI*”, afirmou que a economia é um assunto muito sério para ficar somente entre os economistas. Schwarcz e Starling trouxeram para a História do Brasil a sentença do autor francês e escreveram um livro que transcende o *métier* acadêmico e coloca a História do Brasil de uma forma leve, didática e coloquial para qualquer leitor.

A biografia do Brasil feita por essas duas professoras é um verdadeiro manual de Ciência Política. O livro desvela como, desde o período colonial, o poder foi exercido pelos diferentes agentes e suas relações com os ciclos econômicos.

Desnadam um poder colonial exercido de forma impositiva pela metrópole portuguesa e suas resistências na Colônia mais rica do império, o Brasil. É possível observar nos relatos sobre o exercício de dominação como os colonos responderam, resistiram e burlaram os mecanismos de exploração e dominação.

A obra mostra que o açúcar produziu riqueza e também produziu uma elite econômica reduzida, que gozava dos privilégios enquanto os demais (negros, escravos, mulatos e indígenas) ficaram longe das bonanças produzidas pelo “ouro doce”.

As autoras relatam com detalhes como o ciclo do ouro produziu riqueza, mas também produziu fome, sonegação, exploração desmedida dos escravos, frustrações, revoltas e decepções para a maioria que pensava em uma vida fácil nas minas. Narram de forma

preciosa a chegada da família real ao Brasil, o impacto produzido na Colônia e as frustrações deixadas na metrópole.

Essa obra dedica especial atenção para que o leitor tome ciência do longo caminho e descaminho que a escravidão percorreu até seu final: do tráfico à comercialização, passando pelas formas de resistência (quilombos, em especial), até a “assinatura da lei libertadora”.

A historiografia mostra que após a escravidão os negros foram vistos como causa do atraso do país. Analisados a partir das teorias raciais fundamentadas, principalmente pela teoria da evolução, os negros representavam a impureza, o atraso, a involução das “raças humanas”. Não menos degradante era a situação de vida dos indígenas.

Nessa perspectiva, para “melhorar” a raça era preciso então um sangue forte, segundo as autoras, e, nesse momento, a solução foi a migração europeia. Esse momento histórico é também bem descrito pela música *Pra que discutir com Madame*, de João Gilberto. Na música, lá pelas tantas uma madame reclama que a “raça não melhora e que a vida piora por causa do samba”, ou seja, por causa dos negros.

Após a leitura dessa biografia, o público compreende os diversos processos de resistências que sempre recortaram o país em especial a partir do século XVIII, passando pelo XIX e chegando ao século XX. É uma passagem primorosa que coloca ao público um Brasil nada pacífico, nada cordial, ao contrário, um Brasil comprometido com causas diversas, mas todas importantes à sua época.

No período republicano um “novo” agente político ganha protagonismo: as forças armadas. Da proclamação da república, passando pela era Vargas até o golpe civil-militar de 1964 os homens de farda estiveram no centro da vida política do país.

O livro mostra as várias “caras” do Presidente Getúlio Vargas: Vargas golpista, Vargas ditador e Vargas democrático. A obra deixa clara a desenvoltura de Vargas nos seus primeiros 15 anos de governo. Nesse período, o gaúcho teve amplo apoio dos quartéis. Já na fase de presidente eleito democraticamente o “velhinho” não demonstrou a mesma habilidade política. Há também uma análise da popularidade de Vargas que em grande medida foi conquistada a partir de sua aproximação com os trabalhadores.

Schwarcz e Starling dedicam uma mirada especial para os Governos JK e Jango. O primeiro, um desenvolvimentista convicto e o segundo um herdeiro do trabalhismo de Vargas. Àquele, ficou marcada pelo que fez. Este, em especial, por ter sido deposto, dando lugar aos militares.

Na publicação, fica evidente que a Ditadura (1964) alçou ao centro do poder um grupo que já conspirava havia tempo. Tendo os militares à frente da tomada do poder e na retaguarda ficaram vários meios de comunicação, o império americano e uma parcela da Igreja Católica. A chegada ao poder que deveria ser breve durou 21 anos.

A redemocratização do país possibilitou a emergência de novos atores políticos, mas preservou os velhos quadros que serviram ao regime. Seja como for o novo período democrático criou grandes expectativas e trouxe o debate político de onde ele nunca deveria ter saído: da sociedade civil.

A obra termina convidando todas e todos a acreditarem que o melhor do Brasil é o que ainda está por vir.

Referência

SCHWARCZ, Liliam; STARLING, Heloisa. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.